



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

DILÚVIO: VISÕES SOBRE UM ARROIO¹

Thais Vargas Brandão²
Eunice Aita Isaia Kindel³

RESUMO: Este trabalho dedica-se a conhecer e discutir os modos como os porto-alegrenses narram o arroio Dilúvio, visto que, apesar da intensa circulação em seu entorno, grande parte dos transeuntes parece ignorar a importância desse ambiente. Para tal, utilizei o método de pesquisa qualitativa, entrevistando, com o auxílio de fotografias do Dilúvio, trabalhadores e habitantes de suas proximidades, investiguei, também, a forma na qual ele é retratado em reportagens de jornais desde 1970. A partir das falas dos entrevistados e das reportagens, interpretadas à luz de conceitos e visões de natureza nos campos da Filosofia e da História da Ciência, pude verificar que a visão antropocêntrica é predominante. Torna-se importante, então, a construção de um outro olhar sobre o Arroio através de programas de educação ambiental junto a população.

Palavras-chave: Arroio Dilúvio. Educação ambiental. Visões de natureza.

ABSTRACT: This paper is dedicated to recognize and discuss the ways that inhabitants of Porto Alegre narrate the Diluvio, since, despite the hard circulation around it, most of passers-by seems to ignore this environment importance. To this end, I used qualitative research method, interviewing, with help of photographs of Diluvio, workers and residents of the neighborhood; also I investigated as this stream is reported by major newspapers of the city since 1970. From the speech of interviewed people and the news reporting, which were interpreted in the perspective of concepts and nature views produced by Philosophy and History of Science, I could verify anthropocentric that view predominates. It is important to build a different view about this brook through environmental education programs for the population.

Keywords: Diluvio brook. Environmental education. Nature views.

Introdução

Baseada em minhas “vivências urbanas”, experiências essas que se intensificaram quando passei a me interessar por fotografia e observar com mais atenção o mundo que me

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas – Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – CEP 90046-900 – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil.

² Bacharel em Ciências Biológicas pela UFRGS – CEP 90046-900 – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – thaisvbrand@gmail.com

³ Professora Adjunta da Área do Ensino de Ciências do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação/UFRGS; Bióloga, Mestre em Ecologia e Doutora em Educação pela UFRGS – CEP 90046-900 – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – kindel@adufgrs.ufrgs.br

cercava, principalmente durante as viagens de transporte público pela cidade de Porto Alegre, resolvi investigar, para meu trabalho de conclusão de curso, um pouco mais sobre o Arroio Dilúvio: o que os porto-alegrenses pensavam sobre o local, que relações possuíam com o arroio, será que reparavam nas pessoas que ali habitavam? Tornei-me uma observadora atenta, já havia percebido o quanto o Dilúvio é ignorado, tanto por parte da prefeitura municipal, que aparenta pouco se importar com a área, quanto pelas pessoas que parecem passar por ali sempre ensimesmadas, ouvindo suas músicas, ocupadas com suas idéias e preocupações.

Contudo, o Arroio é um local bastante difícil de não ser percebido, pois acompanha a Avenida Ipiranga, umas das principais vias de circulação da cidade, de ponta a ponta, passando na frente de uma das maiores universidades de Porto Alegre (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS), assim como de um dos maiores hospitais (Hospital Ernesto Dorneles).

Minha intenção neste trabalho de conclusão passou a ser a de compreender modos que as pessoas têm de narrar este curso d'água, que abriga uma série de espécies de animais e plantas, que cruza a cidade, mas que parece ser invisível a todos.

Para realizar esse estudo, centrei-me nos aspectos físico-paisagísticos, bem como na história do Dilúvio, e na trajetória de emergência da educação ambiental no Brasil e no mundo, uma vez que é neste campo que insiro esta pesquisa. Também busquei conhecer as visões de natureza nos campos da Filosofia e da História da Ciência, visando identificá-las nas narrativas dos entrevistados.

Descrevendo e contando a história do Arroio Dilúvio

O Arroio Dilúvio é o curso principal da sub-bacia de mesmo nome, possui 17.605m de extensão e recebe 50 mil metros cúbicos de detritos por ano, produtos da erosão natural provocada pelo desmatamento das encostas dos morros da cidade, assim como entulho e lixo. Possui suas nascentes localizadas nos limites de Porto Alegre e Viamão, e sua foz dá-se no Lago Guaíba (MENEGAT et al., 1998).

Ao longo da história, o Dilúvio, antes chamado de Arroio Jacareí (ou Rio dos Jacarés, na língua guarani) (PEREIRA, 1995), sofreu diversas modificações quanto ao desenho de seu curso, entorno e manejo. Ainda no século XIX, além de abastecer de água os primeiros habitantes em sua nascente, o arroio Dilúvio, cujo ambiente era bastante pintado por artistas plásticos formando recantos bucólicos (FRANCO, 2006), era também utilizado como

área de lazer à população através do banho, pescarias e passeios em sua praia, atual Rua Washington Luiz (PMPA, 1993). Contudo, em 1905, o intendente José Montaury, em virtude das cheias resultantes das grandes chuvas que alagavam chácaras, plantações e fundos de casas (o que conferiu o nome “Dilúvio” ao arroio), mandou abrir um canal em linha reta para retificá-lo, desde a ponte do Menino Deus até a Praia de Belas, a fim de facilitar a sua vazão (PMPA, 1993).

No final da década de 1930 e início da década de 1940, foram projetadas e iniciadas as obras de canalização do Arroio, ligando suas águas desde a Avenida João Pessoa até o Lago Guaíba, obra essa que se prolongou por 20 anos (PMPA, 1993). Com a mudança no traçado, as enchentes já não perturbavam mais os bairros que eram banhados pelo antigo curso do Dilúvio, porém diversas características biológicas foram alteradas e muitas espécies de peixes, tartarugas, árvores e pássaros foram, aos poucos, desaparecendo (PMPA, 1993).

Atualmente, dez quilômetros do seu curso estão contidos na estrutura de concreto da avenida Ipiranga, onde existem 17 pontes e 4 travessias para pedestres. Outros 3,8 quilômetros, trecho compreendido entre a nascente e o final da avenida Ipiranga (próxima à avenida Antônio de Carvalho), guardam semelhanças com a situação original, no que tange às características biológicas, principalmente (PEREIRA, 1995).

Educação Ambiental: o ideário da década de 1970

No Brasil e no mundo, a década de 1970 foi um período no qual diversas manifestações eclodiram, tanto de cunho social – a liberação feminina e a revolução estudantil de maio de 1968 na França; político - o endurecimento das condições políticas na América Latina devido às exigências de organização democrática dos povos em busca de seus direitos à liberdade e por melhores condições de trabalho e qualidade de vida; quanto ambiental – contaminação do ar nas metrópoles européias, a contaminação de ambientes por inseticidas e pesticidas, entre outros (MEDINA, 1997).

As pessoas começaram a tomar consciência da importância do ambiente, percebendo que as conseqüências de suas ações poderiam pôr em risco, principalmente, o futuro da espécie humana na Terra. Essa década se torna então um marco para o início da consolidação da consciência ambiental, “um momento de emergência do movimento ecológico, onde os indivíduos a ele agregados compartilhavam idéias e executavam ações” (GUIMARÃES, 1998, p. 68).

No Rio Grande do Sul, Estado cuja luta ambiental inspirou o engajamento de parte significativa do restante da sociedade brasileira, a consciência ecológica ganhou força, gerando grande mobilização da população frente aos diversos problemas ambientais ocorridos na década de 1970. Algumas manifestações obtiveram grande repercussão, sendo os marcos do movimento ambiental a tragédia ecológica na praia de Hermenegildo⁴ e a instalação da indústria de celulose Borregaard às margens do Guaíba⁵. Outros acontecimentos que merecem destaque são a instalação de pólos petroquímico, carboquímico e protéico no Estado e o protesto do estudante Carlos Alberto Dayrell em fevereiro de 1975, ao subir em uma árvore ameaçada de corte – a única que ainda estava de pé junto à avenida João Pessoa em Porto Alegre, causando grande repercussão nacional. Tais fatos geraram a criação da AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), que buscou *instrumentalizar escolas e organizações com cursos sobre educação e conscientização ambiental*, “expandindo-se sob a forma de diferentes unidades regionais organizadas do Estado” (GUIMARÃES, 1998, p.71). Houve também nessa década, em Porto Alegre, a criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, a inauguração do Parque Marinha do Brasil e a criação da Reserva Biológica do Lami (Zero Hora, 31/12/79-1/01/80). No país, em 1973, cria-se a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), “que, entre outras atividades, realiza Educação Ambiental e preocupa-se em definir seu papel no contexto nacional” (MEDINA, 1997, p. 260), assim como são realizados encontros, seminários e debates sobre meio ambiente.

No âmbito mundial, com o objetivo de buscar respostas para uma infinidade de questões relacionadas aos problemas ambientais, os principais países considerados desenvolvidos realizam, em 1972, a Conferência de Estocolmo, “na qual mostrou a necessidade de gerar um amplo processo de educação ambiental” (LEFF, 2001), culminado para que, em 1975, a UNESCO, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) criasse o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), destinado a promover nos países-membros da instituição a reflexão, a ação e a cooperação internacional no campo da educação ambiental (MEDINA, 1997).

⁴ No final de março de 1978, o balneário da costa sul do Estado virou manchete nacional quando milhares de animais (mariscos, leões-marinhos, cães, gatos, homens entre outros) apareceram mortos ou sangrando pelas vias respiratórias assim como a população local. A explicação oficial foi de que a causa era maré vermelha (fenômeno cíclico dos oceanos). Contudo, suspeita-se que tenha havido o derramamento de alguma substância altamente tóxica no mar.

⁵ A instalação da empresa norueguesa trouxe uma série de problemas para seu entorno, impregnando-o com despejos malcheirosos o ar e a água. É nessa época que o ambientalista José Lutzemberger ganha grande visibilidade na luta ambientalista gaúcha.

As visões de Natureza

A **visão antropocêntrica** tem seu surgimento com o princípio do humanismo, situado na transição do mundo medieval e o moderno, caracteriza-se pelo descontentamento do homem com a posição de subserviência em que é colocado durante toda Idade Média. É no Renascimento que começa a se romper com esta ordem, onde há uma busca de valorização do indivíduo: na literatura florescem os gêneros biográficos e autobiográficos; e, na pintura, as obras começam a levar a assinatura do artista. Nasce o homem *a virtù*, que nada mais é do que o sujeito que valoriza sua capacidade de intervenção no mundo, onde ele mesmo é o dono do tempo e do espaço, e não mais Deus (GRÜN, 1996).

A idéia aristotélica de natureza (como algo animado, vivo) dá lugar à idéia de uma natureza sem vida, mecânica, que se assemelhava ao funcionamento de um relógio, postulada, principalmente por J. Kepler (1571- 1630), segundo o qual, Deus é o “*fazedor de relógios*” (GRÜN, 1996, p. 28). Com a mudança do paradigma organísmico para o mecanicista, durante os séculos XVI e XVII, o lugar ocupado pelos seres humanos no mundo será redefinido, sendo Galileu (1564-1642) o principal representante da revolução científica que abandonou a física aristotélica ao fornecer a possibilidade de uma descrição matemática da natureza. Tal fato culminou na desantropomorfização da natureza ao propor um mundo que evita a associação com a sensibilidade, postulando que a forma e o tamanho de quaisquer objetos existem por si sós, independente da cognição humana. Neste contexto, o homem já não se enxerga mais inserido nesta natureza, mas sim como um observador e manipulador em potencial (GRÜN, 1996).

Surge então Francis Bacon (1561-1626) que disseminou o papel que a ciência deveria desempenhar na cultura. Ele vislumbrava um novo mundo, um novo modo de pensar, desenhando uma linha divisória entre natureza e cultura. Cultura essa que carregava um antropocentrismo radical ao postular que o homem deveria ser o senhor de seu destino, mestre de todas as coisas do mundo. Chegou a dizer que “se procurarmos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo de tal forma que, se o homem fosse retirado do mundo todo o resto pareceria extraviado, sem objetivo ou propósito” (THOMAS, 1988, p. 23). Mesmo com parte de seu projeto fracassado, algumas idéias antropocêntricas de Bacon triunfaram e ganharam espaço na indústria e agricultura, postulando que “ciência é poder” (GRÜN, 1996).

Num momento de transição, no qual a Reforma e a Contra-Reforma fizeram com que o mundo perdesse seu centro (Deus já não era mais a figura absoluta que estava sobre todas as

criaturas), o homem sente-se capaz de interferir no curso dos acontecimentos. Surge então René Descartes (1596-1650), que consegue legitimar a unidade e autonomia da razão às custas da objetificação da natureza. Como consequência, o homem (razão) necessita situar-se fora da natureza (objeto), para então poder dominá-la. A natureza e a cultura passam a ser duas coisas bastante distintas (GRÜN, 1996).

A **visão arcaica** tem como principal representante o naturalista inglês Gilbert White (1720-1793), que advogava aos humanos “que levassem uma vida simples, modesta e humilde para assim restaurarem uma coexistência pacífica com os outros seres vivos” (GRÜN, 1996, p. 68), traduzida em uma concepção profundamente religiosa da natureza.

Em 1992, Worster, ao retomar o discurso de White, denomina *Science Arcadian* como a contraposição ao mecanicismo reducionista *Science Imperial*, que encontra seu representante maior no botânico Carl Von Linné (1707- 1778) – criador do sistema de classificação taxonômica de plantas e animais muito utilizada atualmente na pesquisa ambiental (GRÜN, 1996). Contudo, tem ocorrido a retomada e o revigoramento da visão arcaica, segundo Worster “o desejo é redescobrir e restabelecer um senso de harmonia interior entre os homens e a natureza através de uma reconciliação física externa” (1992 *apud* GRÜN, 1996, p. 70). Há uma explosão discursiva nessa direção, segundo Worster (1992): “um protesto contra a tecnologia e os paradigmas científicos dominantes têm sido trazidos à cena por um fenômeno conhecido como movimento ecológico” (*apud* GRÜN, 1996, p. 70).

Na **visão sistêmica**, todos os componentes da Terra (bióticos ou abióticos), independente de sua natureza ou grau de complexidade, podem interferir num determinado ambiente, uma vez que estão inseridos nele como em um sistema, onde há constante fluxo de matéria e energia. Suas constantes interações são concomitantes e dependem de múltiplos fatores. Segundo Begon, Townsend e Harper (2008, p. 645), a visão sistêmica procura entender a estrutura das comunidades ecológicas no que diz respeito à riqueza e composição de espécies, à arquitetura da teia alimentar e ao funcionamento do ecossistema (produtividade, dinâmica de nutrientes e decomposição). Isso significa dizer que a visão sistêmica, também conhecida por visão ecológica, é aquela que, em um ambiente com múltiplas interações, todos os seres, inclusive o homem, têm a mesma importância, o que representa, então, uma visão oposta à antropocêntrica.

Metodologia

Praticamente todos os trabalhos desenvolvidos no Arroio Dilúvio abordam aspectos técnicos, como por exemplo, o desenvolvido na conclusão da disciplina de Estágio Integrado do Curso de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul “Avaliação preliminar das condições ambientais da bacia do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre/RS, com ênfase na qualidade da água” (1995). Abordagem semelhante também aparece no estudo relatado em “A grande luta pelo resgate de um arroio” (FARIA e MORANDI, 2002), no qual a escolha das locais de amostragem de água levou em conta a área de abrangência dos investimentos do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (DMAE), as redes coletoras e tratamento de esgotos e os principais pontos de lançamento de cargas (FARIA e MORANDI, 2002). Nesses e em outros trabalhos quase sempre a abordagem metodológica é de cunho quantitativo.

A escolha por uma abordagem qualitativa bem caracterizada por Bogdan e Biklen (1994), mais pertinente ao tipo de estudo que desenvolvi e aportes de Lisboa, (2007) ajudaram-me na construção de minha metodologia de investigação.

Pesquisa em jornais

Inicialmente, realizei um levantamento no Correio do Povo e na Zero Hora, dois jornais com grande tradição no Estado do Rio Grande do Sul assim como número de leitores junto à população gaúcha, para investigar o que era veiculado – que tipo de reportagens, onde estavam localizadas e qual a abordagem utilizada - por essas mídias impressas para se referirem ao Dilúvio. A coleta desses dados foi feita no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, devido à localização (centro de Porto Alegre), riqueza do acervo e gratuidade da pesquisa. Os jornais eram separados e folheados, sendo a busca por reportagens feita visualmente. Quando encontrada alguma matéria relativa ao Dilúvio, essa era fotografada e posteriormente posta em uma pasta em meu computador pessoal, para análise futura.

As edições pesquisadas foram os meses de dezembro dos anos de 1979, 1989, 1999 e os 30 dias entre 22 de setembro e 22 de outubro de 2009. O mês de dezembro foi escolhido, pois, sendo o último mês do último ano de cada década (1979, 1989 e 1999), as edições poderiam trazer uma retrospectiva dos principais fatos ocorridos nos dez anos anteriores. Contudo a escolha do período no ano de 2009 teve de ser diferenciada uma vez que no mês de dezembro estariam havendo as apresentações dos trabalhos de conclusões, tendo que estar os dados já computados nessa data. Logo, pensou-se que as edições do início da primavera

(23/09/2009) até os 30 dias seguintes poderiam abordar assuntos relativos a diferentes temáticas ambientais e do Arroio Dilúvio. O início na década de 1970 se deve ao fato dessa ser um marco, como já exposto, no movimento ambientalista mundial, brasileiro e gaúcho.

O uso da fotografia

O passo seguinte à pesquisa dos jornais foi fotografar paisagens, espécies de animais e plantas do Dilúvio. Minha trajetória como fotógrafa foi decisiva para a escolha da utilização de imagens na coleta de dados, pois achava importante confrontar as fotos, que buscaram retratar positivamente o Arroio, com as visões prévias dos entrevistados sobre ele. Para isso, fiz três saídas a campo com, aproximadamente, cinco horas de duração cada, percorrendo o Dilúvio, em ambas as margens, desde sua foz no Lago Guaíba até próximo a sua nascente em um trecho que fica ao fundo do prédio da Faculdade de Agronomia da UFRGS. Ao final dessa etapa, foi feita uma seleção e tratamento (no software Adobe Lighroom 2.3) e organização (Corel Draw 12) do melhor conjunto de fotos que pudesse mostrar diferentes locais e elementos do Arroio.



Figura 1: painel com fotografias do Arroio Dilúvio para mostrar aos entrevistados.

Entrevistas e narrativas sobre o Dilúvio

Para a realização das entrevistas foram escolhidas seis quadras da Avenida Ipiranga que tivessem, tradicionalmente, locais com grande circulação de pessoas. Foram definidas,

então, as quadras da Faculdade de Agronomia da UFRGS, a PUCRS, o CTG 35, o Planetário, o prédio da Zero Hora e a Rua Marcílio Dias (próximo ao Shopping Praia de Belas), essa por ficar bem próxima a foz do arroio. Os entrevistados deveriam trabalhar ou morar próximo ao Arroio Dilúvio desde a década de 1970, já caracterizada anteriormente. As pessoas entrevistadas, cujos nomes são fictícios a fim de preservar a sua identidade⁶ são: Sebastião Salgado (professor da faculdade de Agronomia da UFRGS), Annie Leibovitz (funcionária da PUCRS), Otto Stupakoff (trabalha no CTG 35), Henri Cartier-Bresson (funcionário do Planetário), Loretta Lux (jornalista aposentada da Zero Hora e atualmente atua na Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho) e Martin Parr (morador há 50 anos da Rua Marcílio Dias no bairro Menino Deus). Todos assinaram um Termo de Consentimento Informado para que suas narrativas pudessem compor este estudo.

Após a abordagem inicial, era mostrado ao entrevistado o cartaz com o conjunto de fotos do arroio Dilúvio, questionando-o de onde eram aquelas imagens. Em um segundo momento, com a pessoa já sabendo que área o local da pesquisa e o trabalho em si, eram feitas perguntas, a fim de investigar quais eram as visões sobre o Arroio, como por exemplo, quais os fatos marcantes que o indivíduo já tinha presenciado ou ouvido falar sobre o Dilúvio, se costumava observar o local, qual era o significado daquela área para ele, qual a origem da água, quais os motivos da poluição e se tinha reparado em mudanças ao longo dos anos.

Três grandes categorias foram escolhidas e depois subdividas em algumas outras buscando agrupar as respostas ou narrativas dos entrevistados. São elas:

1ª Antropocêntrica: a pessoa não se sente parte integrante do ambiente. Consegue fazer uma clara cisão entre o homem e a natureza ao seu redor. Acredita que essa está a seu serviço, sendo responsável pelas mudanças e intervenções.

- Histórica: remete a fatos passados, históricos quando lembra o local;

- Transformação do Ambiente Urbano: considera as transformações que ocorreram ou poderiam ocorrer. O sujeito não está satisfeito com o local da forma como ele é, por isso tem o desejo que mude, fique mais bonito.

⁶ Os nomes dos entrevistados foram trocados por nomes de fotógrafos que possuem trabalhos de grande reconhecimento mundial, com o objetivo de homenageá-los. Sebastião Salgado é um brasileiro que possui entre seus principais trabalhos a documentação da fome e da miséria ao redor do mundo. Annie Leibovitz é norte-americana e retratista de celebridades. O brasileiro Otto Stupakoff se consagrou no exterior por seu trabalho com moda. Henri Cartier-Bresson é francês e autor do conceito fotográfico de “instante decisivo”. Loretta Lux é uma pintora e fotógrafa alemã, tendo exposto nas mais importantes galerias de arte contemporânea do mundo ao misturar essas duas artes em retratos de crianças. O inglês Martin Parr é um fotodocumentarista que alcançou grande notoriedade ao retratar o modo de vida ocidental.

- Catastrófica: associa o arroio a fatos negativos e catástrofes. Subdividida em duas categorias: acidentes - em geral, remetem aos automobilísticos, no qual carros caem no arroio e, crimes - quando associa a atividades ilegais tais como abusos sexuais, fugas de ladrões e queimação de fios para a retirada de cobre.

- Sujeira: como sabem que o Dilúvio é um grande receptor de esgoto, logo vêm o ambiente como sujo, poluído, contaminado, assim como os seres que ali vivem.

- Relações com questões sociais: quando a questão dos moradores de rua ou das pontes sobre o arroio aparece.

2ª Arcaica: associa os aspectos positivos do ambiente a locais conhecidamente “naturais” (Jardim Botânico, Parque Estadual de Itapuã). Por possuir uma visão romanceada e idealizada de natureza, a pessoa relaciona animais, plantas e belas paisagens a locais onde o ambiente é “intocado”, “preservado”.

3ª Sistêmica: quando o entrevistado se sente parte do ambiente, integrante das relações que acontecem nesse ambiente. Quando indica que meio é hábitat de muitas espécies animais e vegetais, inclusive ele. Também pode ser chamada de categoria “ecológica”.

Resultados

A partir da pesquisa dos jornais, foi possível coletar uma série de reportagens que trazem diferentes informações acerca do Dilúvio, vinculadas pelos veículos Zero Hora e Correio do Povo (Tabela 2). Os relatos dos entrevistados foram organizados e categorizados a partir das três diferentes visões de natureza – antropocêntrica, arcaica, sistêmica e suas subcategorias – e serão apresentados e discutidos ainda no presente artigo.

Tabela 2: reportagens coletadas nos jornais Zero Hora e Correio do Povo.

no	Dia /mês	Jornal	Título	Seção	Resumo
979	9/12	Zero Hora	Arroio Dilúvio terá guard rails in 1980	Executivo/ legislativo	Projeto de implantação de proteção devido às sucessivas quedas de carros no arroio
	9/12	Correio do Povo	Av. Ipiranga terá proteção para veículos	Noticiário	Projeto de implantação de proteção devido às sucessivas quedas de carros no arroio
989	4/12	Zero Hora	Dragagem	Cidade	Trabalho de dragas para desassorear o Dilúvio e o Sanga da Morte
	/12	Zero Hora		Informe Especial	Fotografia sobre duas pessoas fazendo churrasco na

999					beira do arroio
	/12	Zero Hora	Arte no Dilúvio	Seg. Caderno-Cultural	Anúncio sobre o obra artística que iria ser instalada (com desenho)
	/12	Zero Hora	Arte flutuante no Dilúvio	Geral	Intervenção de um grupo artístico para chamar a atenção para o degradação do arroio, etc. (com foto)
	4/12	Zero Hora	Uma nova paisagem	Almanaque Gaúcho	Contraste de duas fotos do arroio, uma em 1960 e outra em 1999 (mais pessoas, carros e prédios) (com duas fotos)
	5/12	Zero Hora	Cruzamento da Silva Só alagado	Geral	Obras para desafogar o trânsito no cruzamento da Av. Ipiranga com a Av. Silva Só (com esquema)
	0/12	Zero Hora		Caderno Rio Grande	Memória sobre a grande enchente que assolou Porto Alegre em 1941 (com foto)
	9/12	Correio do Povo	Breve, nova ponte sobre o Dilúvio	Geral	Início de obras da ponte cruzamento da avenida Ipiranga com a rua Múcio Teixeira, no bairro Menino Deus
009	8/9	Zero Hora	Carro furtado cai no Dilúvio	Polícia	Carro envolvido em assalto cai no arroio (com foto)
	9/9	Zero Hora	O duplo drama de Miracema	Polícia	Resgate do carro que foi roubado para assalto e caiu no Dilúvio
	6/10	Zero Hora	De folga, bombeiro resgata motorista do Dilúvio	Pelo Rio Grande/ Região Metrop.	Bombeiro resgata homem que caiu no Dilúvio durante a noite (com foto)
	9/10	Zero Hora	Pardais após nove quedas no Dilúvio	Geral	Projeto prevê a colocação de pardais devido ao excesso de carros que caem dentro do Dilúvio (com 5 fotos e esquema)
	2/9	Correio do Povo	30 mil mudas para nascente do Dilúvio	Geral	Plantio de mudas nativas na nascente para expandir a arborização da cidade
	8/9	Correio do Povo	Carro furtado cai dentro do arroio	Polícia	Carro furtado para assalto caiu no arroio

		Dilúvio		
9/9	Correio do Povo	Arroio Dilúvio Bandidos fugiram a nado	Capa	Bandidos que furtaram o carro que caiu no arroio (com foto)
9/9	Correio do Povo	Uno é retirado do Arroio Dilúvio	Polícia	Retirada do veículo furtado (com foto)

Análise

Uma pessoa constrói visões sobre determinado ambiente a partir de múltiplos estímulos sensoriais, sociais ou da memória cultural. Dondis (1997 apud KELLER, 2005, p. 10) diz que

no ato de ver, não construímos elementos isolados e individuais de informação, mas sim unidades interativas integrais, totalidades que assimilamos num amplo leque de processos, funções, atividade e atitudes, quando percebemos, experimentamos, compreendemos, contemplamos, sentimos, ouvimos, cheiramos, observamos, tateamos, provamos, descobrimos, reconhecemos, examinamos, lemos ou olhamos.

Além do aspecto orgânico, relativo às nossas percepções sensoriais, há a questão interpretativa que nos ajuda a compor o entendimento (ou as visões) que temos sobre determinado ambiente. Para Marilena Chaui, “a visão se faz em nós pelo fora, e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é ao mesmo de tempo sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (1988, p. 33).

A partir das falas dos entrevistados foi possível verificar que a visão antropocêntrica é predominante nos relatos. O entrevistado *Sebastião Salgado* quando questionado sobre quais mudanças tem reparado no Dilúvio ao longo dos anos, recorda que o número de pontes é maior atualmente, já *Henri Cartier-Bresson* salienta o aumento das dragagens, o que tem possibilitado uma vazão mais rápida da água. Além disso, quando observam o local, o que chama a atenção dos entrevistados *Otto Stupakoff* e *Loretta Lux* é o corre-corre de polícia e ladrões, a quantidade de lixo e espuma e os fatos que marcaram foram pessoas afogadas nas águas, acidentes de carros com familiares, entre outros. Já para *Martin Parr* o mau cheiro é o maior incômodo proporcionado pelo Arroio, principalmente nos meses de seca.

As pessoas na maioria das vezes enxergam o ambiente do Arroio Dilúvio a partir do seu próprio ponto de vista e das suas experiências pessoais. Parecem ignorar o fato de que aquele é um local onde existe uma série de seres vivos que interagem entre si, inclusive com o homem. Quando veem elementos melhor preservados (como o painel de fotografias

mostrado) muitos associam a parques e jardins, ou seja, locais “intocados” – *Sebastião Salgado* achou que as fotos eram da Estação Ecológica do Taim ou então da Redenção (Parque Farroupilha), *Otto Stupakoff* acreditava que a “água” das fotos era um lago no Jardim Botânico e *Annie Leibovitz*, que era de um jardim em frente a uma capela na PUCRS –, caracterizando, assim, uma visão arcaica de natureza, onde o meio natural beira a perfeição, onde tudo é bonito e sublime. Há dificuldade em compreender que um ambiente tão modificado e urbano quanto o arroio Dilúvio também é um refúgio de diversos seres vivos. Essa é uma visão limitante, pois mesmo que se reconheça que o ambiente está “sujo”, “poluído” sempre se espera que essa natureza volte a ser como era antes “bonita”, “limpa”.

Já as mídias impressas pesquisadas (jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*) ajudam a reforçar a visão antropocêntrica. A maioria das reportagens coletadas desde a década de 1970 traz assuntos ligados à violência, acidentes, roubos, entre outros, que se soma ao que é visto e sentido pelas pessoas quando passam pela Avenida Ipiranga: mendigos circulando pelas pontes, lixo depositado diretamente na água, o mau cheiro vindo do arroio em algumas épocas do ano e acidentes do cotidiano que freqüentemente ali acontecem. As preocupações com o Arroio expressas nos jornais, na maioria das vezes, giram em torno de aspectos de interesse do homem: a necessidade de implantação de guard-rails para evitar a queda de carros no arroio, a dragagem que necessita ser feita, para evitar futuras enchentes. O Dilúvio torna-se um empecilho para a Avenida Ipiranga, culminando na noção de que “sem ele seria melhor”, ou então, que “aquele lugar poderia ser utilizado para outros fins”. Poucas reportagens (como a que veiculou a intervenção artística que seria instalada sobre o arroio⁷) assim como relatos de um entrevistado (*Otto Stupakoff* disse já ter reparado como algumas aves se veem obrigadas a comer lambaris contaminados pelas águas poluídas por não possuírem outras opções) mostram uma visão ecológica ou sistêmica do Dilúvio.

Essa cisão, bastante recorrente nos relatos dos entrevistados, na qual o homem encontra-se fora da natureza, dominando-a, pode ser considerada “*a gênese filosófica da crise ecológica moderna*”, pois os seres humanos, ao objetificarem a natureza a veem como quem olha uma fotografia (GRÜN, 1996, p.35), não se sentem parte daquele ambiente.

⁷ Intervenção de um grupo de artistas plásticos gaúchos que estendeu uma série de fios de náilon, pelos quais passavam blocos de isopor de diferentes tamanhos denominado “A Sustentável Leveza da Linha”. Ficava localizado às duas margens do Dilúvio perto do cruzamento das avenidas Praia de Belas e Ipiranga.

Considerações finais

O modo antropocêntrico de compreender a natureza também presente no ensino de ciências e biologia (LISBOA, 2004), nas mídias impressa e televisiva, nas propagandas publicitárias, na literatura e no cinema (KINDEL, 2007) tem contribuído para, segundo Lisboa (2004, p. 42) a “pouca compreensão dos processos e conseqüentemente, [...] inadequada e insustentável conduta ambiental atual, uma vez que não contempla a mútua dependência entre todas as formas de vida e a interação destas com seu meio físico e químico”.

Assim, seria importante que um outro olhar sobre o Arroio pudesse ser trabalhado nas escolas e apresentado nos jornais. Da mesma forma, torna-se necessária a adoção de iniciativas que visem programas de educação ambiental urbanos, envolvendo os porto-alegrense.

Outras iniciativas poderiam visar o desenvolvimento de atividades artísticas, mostras culturais e oficinas temáticas, atuando junto a escolas, grupos de terceira idade e universidades com o objetivo de mostrar aspectos do Dilúvio que hoje são desconhecidos para grande parte da população da capital gaúcha e assim, talvez, transformar a visão de natureza e a forma que se relacionam com esse ambiente.

REFERÊNCIAS:

- BEGON, M.; THOWSEND, C. R.; HARPER, J. L. *Ecologia: de indivíduos a ecossistemas*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BOGDAN, R & BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- CHAUÍ, M. *Janela da alma, espelho do mundo* In: NOVAES, A. et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-64.
- FARIA, C.; MORANDI, I. *A Difícil Recuperação de Arroios em Áreas Urbanas*. In: *Pesquisa Ecos Revista*, Departamento municipal de Água e Esgotos. Porto Alegre, Ano 3, n. 6, p. 7-21, maio/2002.
- FRANCO, S. da C. *Porto Alegre: guia histórico*. 4.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas: Papirus, 1996.

- GUIMARÃES, L. B. *O educativo nas ações, lutas e movimentos de defesa ambiental: uma história de descontinuidades*. Porto Alegre: UFRGS 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KELLER, R. dos S. *Educar para observar: uma proposta metodológica para educação visual*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KINDEL, E. A. I. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. In: WORTMANN, M. L. C. et alli (Org.). *Ensaio em estudos culturais, educação e ciências: a produção do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2007. p. 223-235.
- LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LISBOA, C. P. *(Re)contando histórias: o ambiente tematizado a partir de itinerários de vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- _____. C. P. Aprendendo a caminhar In: KINDEL, E. A. I.; SILVA, F. W. e SAMMARCO, Y. M. (Orgs) *Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 39-56.
- MEDINA, N. M. Breve histórico da educação ambiental In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. (orgs). *Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil*. Brasília: IPÊ, 1997. p. 257-269
- MENEGAT, R.; PORTO, M. L.; CARRARO, C. C.; FERNANDES, L. A. D. *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. UFRGS, PMPA e INPE. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.
- PEREIRA, A. A grande luta pelo resgate de um arroio In: *Pesquisa Ecos Revista, Departamento municipal de Água e Esgotos*. Porto Alegre. Ano 2, n. 3, p. 20-25, janeiro/1995.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *Programa Guaíba Vive: gerenciamento de bacias hidrográficas*, sub-bacia do Arroio Dilúvio, 1993.
- PORTO, M. L.; OLIVEIRA, P. L. *Avaliação preliminar das condições ambientais da bacia do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre/RS, com ênfase na qualidade da água*. Porto Alegre, 1995. Relatório de estágio Integrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ZERO HORA. *Um Centro difusor da consciência ecológica*. Porto Alegre, 31/12/79-01/01/80, p. 24

Blog Habitantes do Arroio: <http://habitantesdoarroio.blogspot.com/>. Acesso em 14/11/12.

CORELDRAW 12. Corel Corporation, 2003.

ADOBE, Photoshop Lightroom 2.3. Adobe Corporation, 2006